ISSN 0100-6061

EMBRAPA
Vinculada ao Ministério da Agricultura
Centro de Pesquisa Agropecuária
do Trópico Semi-Árido (CPATSA)
BR-428 – Km 152
Rodovia Petrolina/Lagoa Grande
Fone: (081) 961 - 0122 *
Telex (081) 1878
Cx. Postal, 23
56.300 - PETROLINA – PE

COMUNICADO TÉCNICO

Nº 46, dez/91, p.1-2

CONTROLE DO OÍDIO DA VIDEIRA NA REGIÃO DO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO

Mohammad Menhazuddin Choudhury[1]

Na região do Submédio São Francisco, as áreas irrigadas encontram-se em plena expansão e a cultura da videira constitui uma atividade agrícola que desempenha importante papel no desenvolvimento econômico-social.

As condições edafoclimáticas da região favorecem o desenvolvimento dessa cultura, proporcionando altas produtividades, porém, ocorrem algumas fitodoenças que podem acarretar queda na produtividade e qualidade da uva. Entre essas fitodoenças, o oídio é uma das principais, aparecendo em todas as regiões produtoras de uva do mundo, especialmente nas regiões semi-áridas. Nessas regiões, ela é considerada a principal fitomoléstia da parte aérea da videira. Seu desenvolvimento dá-se em uma faixa de temperatura de 20°C a 27°C, sendo que a mais favorável está em torno de 25°C. Portanto, essa doença pode ocorrer durante todo o ano nessa região, uma vez que a temperatura média anual se situa em torno de 27°C.

Essa fitodoença é também conhecida por cinza ou mufeta. O agente causal da moléstia é o fungo *Uncinula necator*, cuja forma imperfeita ou conidiana, denomina-se *Oidium tuckeri*.

Todas as partes verdes da planta podem ser afetadas. Nas folhas, o primeiro sintoma é o aparecimento de manchas difusas de coloração um pouco mais clara que o verde normal. Posteriormente, o indício mais característico é a presença de um pó branco-acinzentado sobre o tecido atacado, constituído de estruturas (micélio e frutificação) do fungo. Toda a parte acometida, após a fase de frutificação do fungo, adquire uma coloração castanha e os ramos, após seu amadurecimento, ficam visivelmente manchados com uma coloração amarronzada. Nos cachos, o ataque pode se dar antes ou após a floração, sendo que o sinal é caracterizado pelo envolvimento dos botões florais ou das bagas (uva) pela coloração acinzentada. Com o tempo, são notados nas bagas mais desenvolvidas, secamento e rachaduras, geralmente com exposição das sementes.

---

[1] Pesquisador em Fitopatologia/Pós-Colheita, Ph.D., EMBRAPA - Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido (CPATSA), Caixa Postal 23, 56300 Petrolina-PE.

Os principais danos à produção ocorrem quando os cachos são afetados, provocando a seca e a queda das flores (inflorescência), ou das bagas mais novas. No caso de uva para mesa, o produto é depreciado devido à presença de manchas e rachaduras nas bagas, tornando-as impróprias à comercialização. Quanto às uvas destinadas à fabricação de vinhos, o fungo provoca a formação de mostos ácidos impróprios à conservação do vinho.

Conforme estudos realizados no Vale do Submédio São Francisco, os danos podem atingir níveis que variam de 30% a 80% na produção comercial de uvas, ocasionados pelo manejo inadequado de fitodoenças.

Resultados de pesquisa mostraram que uma fórmula à base de fungicidas triadimefon (25%), fenarimol (12%) e enxofre pó molhável (80%) com um espalhante adesivo foi eficiente para combater essa fitodoença. São duas as misturas (A e B) para serem usadas alternadamente. Mistura A: 125g de triadimefon, 150g de enxofre pó molhável e 25ml de alquil-fenol-poliglicoléter. Mistura B: 30ml de fenamoriol, 150g de enxofre pó molhável e 25ml de alquil-fenol-poliglicoléter. Com estas dosagens preparam-se 100 litros de calda de cada mistura. A primeira aplicação, usando a mistura A, deve ser feita logo após a brotação das plantas podadas. Quinze dias após a primeira pulverização, faz-se uma segunda, com a mistura B. A terceira pulverização será feita 15 dias após a segunda, aplicando-se novamente a mistura B. Daí em diante, passa-se a pulverizar a cada 15 dias, usando-se as misturas A e B, alternadamente, até três ou quatro semanas antes do início da colheita. Constata-se, de maneira geral, que seis ou sete pulverizações são suficientes para controlar o oídio.

Tiragem: 500 exemplares
Impressão: CPATSA
Petrolina, 1991